



Arqueologia *em* Calendário

Dia Mundial da Propriedade Intelectual 26 de abril 2015

Ao celebrar o Dia Mundial da Propriedade Intelectual pretendemos dar a conhecer um autor muito desconhecido, um arquiteto do séc. XVIII. Recordamos Francisco António Ferreira, o arquiteto do Aqueduto das Alvogas (Loures) e do seu Chafariz.

Filho e aprendiz de João Ferreira Cangalhas, mestre geral das Obras Públicas, formado na Escola de Mafra. Faleceu em 1808.

Foi ajudante da Casa do Risco e director da Inspeção do Plano para a Reedificação da Cidade, entre c. 1780 e a sua morte. Por Ordem de 20 de dezembro de 1791, Francisco

António Ferreira torna-se Primeiro Arquitecto da Real Obra da Água Livre, sucedendo no cargo a Reinaldo Manuel dos Santos, por morte deste. Nesta fase da sua vida, acompanha a construção de vários aquedutos, entre eles, a do chamado Aqueduto das Alvogas (Loures). É autor do risco de vários chafarizes, bem como de restauros e alterações noutros. Reconhecidamente é-lhe atribuída a autoria da Igreja da Conceição Velha (Lisboa). Da sua obra, diz Walter Rossa, *ser uma obra eclética que demonstra do seu autor um apurado respeito e reconhecimento pela arte de períodos anteriores, para além de reconhecidas capacidades técnicas.*



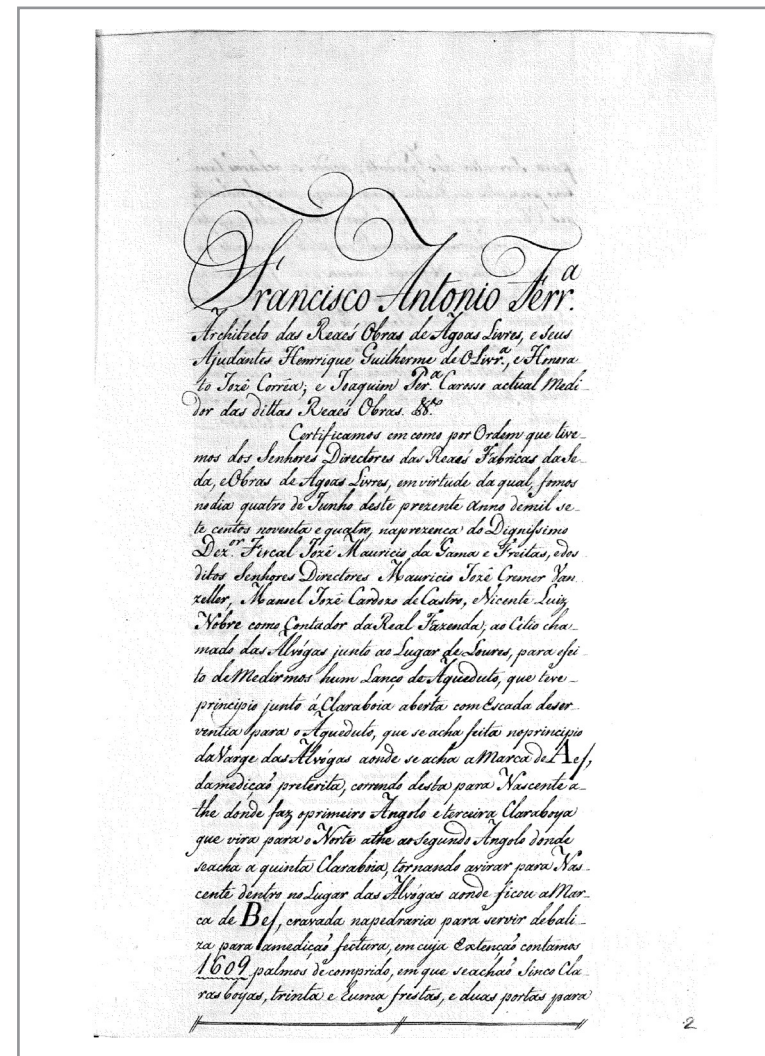
A sua obra nasceu dois séculos antes da Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI), pertencente à ONU, cujo propósito é a *promoção da proteção da propriedade intelectual ao redor do mundo, através da cooperação entre Estados* (em, Wikipédia).

Hoje os seus direitos, enquanto autor português de *projectos, esboços e obras plásticas respeitantes à arquitectura*, estariam salvaguardados pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A par de outras obras, as obras de arquitetura constituem criações intelectuais e, por norma, o direito de autor pertence ao criador intelectual da obra.

Os documentos da época relativos à obra do Aqueduto das Alvogas (Loures) são assinados pelo arquiteto Francisco António Ferreira.

Este é o nome que consta das Certidões de Medição Geral que se fizeram no Lugar de Loures, em 1794 e 1795, a propósito da Obra do Aqueduto (1794) e da Obra do Chafariz (1795).

Francisco António Ferreira ou Francisco António Ferreira Cangalhas poderão ser uma



Certidão de medição geral que se fez na Varge das Alvogas no Lugar de Loures no dia quatro de Junho deste presente anno de 1794 (1ª folha)



1

2

3

Dia Mundial da Propriedade Intelectual

26 de abril 2015

única e mesma pessoa, e o mesmo e único arquiteto, ou não. Certo é que as referências bibliográficas nos remetem para um arquiteto de apelido Cangalhas. Como Francisco António Ferreira Cangalhas, este arquiteto, é biografado por Sousa Viterbo em *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e construtores portuguezes ou a serviço de Portugal* (1889), por Walter Rossa em *Dicionário da Arte Barroca em Portugal* (1989) e por Joaquim Oliveira Caetano em *D. João V e o Abastecimento de Água a Lisboa* (1990).

Analisando a documentação da época e a produção escrita do séc. XIX e posterior, assumimos que ambos os nomes identificam uma e a mesma pessoa, um mesmo e único arquiteto, o arquiteto das Reais Obras de Águas Livres, Francisco António Ferreira.

Segundo o arquiteto José Gentil Berger (1990), pelo menos até finais da centúria de setecentos, era ambígua a designação dos titulares do cargo de arquiteto e das atividades respeitantes.

Assim, o título de “arquiteto” (quem risca) e “mestre” da obra (quem faz) podia ser, e era muitas vezes, nesses tempos recuados, referido a uma e mesma pessoa. Arquiteto e mestre de obra eram termos que se confundiam ou que se aplicavam indistintamente, quer a quem tinha como incumbência dirigir quer a quem executava a construção. Ou, até, a quem, cumulativamente, tomava parte nos dois processos. Aqueles que tinham uma formação específica, e mesmo esta de carácter predominantemente prático, obtinham-na de terem assentado praça de aprendiz da aula de “Aprender Architectura do Paço da Ribeira ou da Casa dos Paços Reais”.

Sobre esta ambiguidade, disse o consagrado Arquitecto José Manuel de Carvalho e Negreiros (1751-1815): “O Regimento da Real Casa das Obras dos Reais Paços precisa grande reforma; pois certamente quem o fez seria um grande jurisconsulto, mas ignorava absolutamente o que era a Architectura, o que eram as obras e que cousa eram os Architectos”. (Berger, 1990)

